

VI

PRECIOSO AVISO

No dia imediato, após a oração do crepúsculo, Clarendo me procurou em companhia do atencioso visitador.

Fisionomia a irradiar generosidade, perguntou, abraçando-me:

— Como vai? Melhorzinho?

Esbocei o gesto do enfermo que se sente acariciado na Terra, amolecendo as fibras emotivas. No mundo, às vezes, o carinho fraterno é mal interpretado. Obedecendo ao velho vício, comecei a explicar-me, enquanto os dois benfeitores se sentavam comodamente a meu lado:

— Não posso negar que esteja melhor; entretanto, sofro intensamente. Muitas dores na zona intestinal, estranhas sensações de angústia no coração. Nunca supus fosse capaz de tamanha resistência, meu amigo. Ah! como tem sido pesada a minha cruz!... Agora que posso concatenar idéias, creio que a dor me aniquilou todas as forças disponíveis...

Clarendo ouvia, atencioso, demonstrando grande interesse pelas minhas lamentações, sem o menor gesto que denunciasse o propósito de intervir no assunto. Encorajado com essa atitude, continuei:

— Além do mais, meus sofrimentos morais são enormes e inexprimíveis. Amainada a tormenta exterior, com os socorros recebidos, volto agora às tempestades íntimas. Que terá sido feito de minha esposa, de meus filhos? Teria o meu primogenito conseguido progredir,

segundo meu velho ideal? E as filhinhas? Minha desventurada Zélia, muitas vezes, afirmou que morreria de saudades, se um dia eu lhe faltasse. Admirável esposa! Ainda lhe sinto as lágrimas dos momentos derradeiros. Não sei desde quando vivo o pesadelo da distância... continuadas dilacerações roubaram-me a noção do tempo. Onde estará minha pobre companheira? Chorando junto às cinzas do meu corpo, ou nalgum recanto escuro das regiões da morte? Oh minha dor é muito amarga! Que terrível destino o do homem penhorado no devotamento à família! Creio que raras criaturas terão padecido tanto quanto eu!... No planeta, vicissitudes, desenganos, doenças, incompreensões e amarguras, abafando escassas notas de alegria; depois, os sofrimentos da morte do corpo... Em seguida, martirizações no além-tumulo! Que será, então, a vida? Sucessivo desenrolar de misérias e lágrimas? Não haverá recurso à sementeira da paz? Por mais que deseje firmar-me no otimismo, sinto que a noção de infelicidade me bloqueia o espírito, como terrível cárcere do coração. Que desventurado destino, generoso benfeitor!...

Chegado a essa altura, o vendaval da queixa me conduziu o barco mental ao oceano largo das lágrimas.

Clarendo, contudo, levantou-se sereno e falou sem afetação:

— Meu amigo, deseja você, de fato, a cura espiritual?

— Ao meu gesto afirmativo, continuou:

— Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem comente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável criar pensamentos novos e disciplinar os labírios. Sómente conseguiremos equilíbrio, abrindo o coração ao só da Divindade. Classificar o esforço necessário de imposição esmagadora, enxergar padecimentos onde há luta edificante, só identificar indesejavelmente cegueira dalma. Quanto mais utilize o verbo por dilatar considerações dolorosas, no círculo da personalidade, mais duros serão os laços que o prendem a lembranças mesquinhas. O mesmo Pai que

vela por sua pessoa oferecendo-lhe teto generoso, nesta casa, atenderá aos seus parentes terrestres. Devemos ter nosso agrupamento familiar como sagrada construção, mas sem esquecer que nossas famílias são acções da Família universal, sob a Direção Divina. Estaremos a seu lado para resolver dificuldades presentes e estruturar projetos de futuro, mas não dispomos do tempo para voltar a zonas estéréis de lamentação. Além disso, temos, nesta colônia, o compromisso de aceitar o trabalho mais áspero, como bênção de realização, considerando que a Providencia desborda amor, enquanto nós vivemos sufocados de dívidas. Se deseja permanecer nesta casa de assistência, aprenda a pensar com justiça.

Nesse interim, secara-me o pranto e, chamado a brios pelo generoso instrutor, assumi diversa atitude, embora envergonhado da minha fraqueza.

— Não disputava você, na carne — prosseguiu Clarencio bondoso — as vantagens naturais, decorrentes das boas situações? Não estimava a obtenção de recursos lícitos, ansioso de estender benefícios aos entes amados? Não se interessava pelas remunerações justas, pelas expressões de conforto, com possibilidades de atender à família? Aqui, o programa não é diferente. Apenas divergem os detalhes. Nos círculos carnavais, a convenção e a garantia monetária; aqui, o trabalho e as aquisições definitivas do espírito imortal. Dor, para nós, significa possibilidade de enriquecer a alma: a luta constitui caminho para a divina realização. Compreendeu a diferença? As almas débeis, frente ao serviço, deixam-se para se queixar aos que passam; as fortes, porém, recebem o serviço como patrimonio sagrado, na movimentação do qual se preparam, a caminho da perfeição. Ninguém lhe condena a saudade justa, nem pretende estancar sua fonte de sentimentos sublimes. Acresce notar, todavia, que o pranto da desesperação não edifica o bem. Se ama, em verdade, a família terrena, é preciso bom ânimo para lhe ser útil.

Fêz-se longa pausa. A palavra de Clarencio levantara-me para elocubrações mais sadias,

Enquanto meditava a sabedoria da valiosa advertência, meu benfeitor, qual o pai que esquece a leviandade dos filhos para recomençar serenamente a lição, tornou a perguntar com um belo sorriso:

— Então, como passa? Melhor?

Contente por me sentir desculpado, á maneira da criança que deseja aprender, respondi confortado:

— Vou bem melhor, para melhor compreender a Vontade Divina.